

## **Paulo Freire e a educação de jovens e adultos.**

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Fátima V. Josgrilbert*

Diretora das Faculdades Magsul de  
Ponta Porã/ MS

*Ler e escrever não são suficientes para perfilar a  
plenitude da cidadania. Paulo Freire*

Como diretora de um curso superior, que se propõe a participar do programa de Alfabetização Solidária, percebi a importância do movimento como uma possibilidade de construção e resgate da cidadania por uma parcela da população que não teve acesso à escola no momento devido da infância. Essa participação tornou-se o eixo norteador do estágio da faculdade, oportunizando também a população local a oportunidade de ler e escrever e a participação de acadêmicos no projeto.

Para consolidar esta tarefa, a equipe da faculdade percebeu que precisaria conduzir seus acadêmicos a estudos sobre a temática, não só no campo da alfabetização, mas principalmente frente aos valores, às legislações de ensino e à formação da cidadania. Nesse caminhar, encontramos Paulo Freire e sua proposta de alfabetização que atende a todos os pressupostos que desejávamos atingir.

O estudo de sua proposta gera reflexões sobre seus pensamentos e afirmações, em um movimento espiralado que leva ao repensar, tendo como ponto de partida a vida humana individual, dentro de uma comunidade, de uma cultura, em convivência com o outro. Fica perceptível que todos que tiveram e têm conhecimento de seus propósitos, refletem sobre os seus, assumindo uma postura menos ingênua e mais consciente diante da educação de jovens e adultos.

Orgulho-me que tenha sido um brasileiro a criar uma pedagogia tão paradoxalmente simples, que desvela, de forma ainda mais singela, algo tão imenso e profundo: a importância da vida humana e o valor do outro no processo pedagógico. Freire nos ensina a olhar o outro, olhando para nós mesmos.

Acredito que professores e professoras precisam conhecer suas propostas, ao mesmo tempo em que precisam combater o modelo de escola excludente e discriminatória que ainda temos.

Entretanto de tudo que foi lido, que redesenha sua proposta ética, destaca-se uma passagem da Pedagogia da Esperança, na qual desvela o seu lado humano íntimo, assumindo e suplantando sua própria dor:

*Foi assim que, numa tarde chuvosa no Recife, céu escuro, cor de chumbo, fui a Jaboatão, à procura de minha infância. (...). Tive diante de mim, como numa tela, meu pai morrendo, minha mãe estupefata, a família perdendo-se em dor. (...).*

*Naquela tarde chuvosa, de verdura intensa, de céu chumbo, de chão molhado, eu descobri a trama de minha dor. Percebi sua razão de ser.(1999:31).*

À volta a Jaboatão, os dias chuvosos, a lembrança da morte paterna - uma revelação que explica um momento difícil de sua vida. Conscientemente, ao desvendar as teias de como os fatos ocorreram, reconstrói sua história de vida, faz a releitura do mundo sob uma nova percepção. Esse encontrar com o seu interior, a análise e reflexão sobre o problema vivido, demonstram como são importantes o processo de autoconhecimento e o repensar para a educação.

Este texto evidencia que ele, ao conhecer o seu interior, podia entender melhor o outro; ao retroceder na sua história, revisava o que já havia feito, refletia, e a partir de suas próprias construções, podia redimensionar o seu caminhar.

Lendo Dussel (2000), se pode constatar uma importante afirmação:

*Comparados com Paulo Freire, os psicopedagogos e psicanalistas são, primeiramente, cognitivistas (porque se preocupam com a inteligência teórica ou moral, ou com a consciência como mediação da patologia), consciencialistas (enquanto não desenvolvem uma teoria dialógica, lingüística), individualistas (enquanto se trata de uma relação do pedagogo individual com os educandos individualmente, embora em grupo), mas, principalmente ingênuos, enquanto não procuram transformar a realidade contextual nem promover uma consciência ético-crítica no educando – que é a empreitada educativa de Freire (2000:435).*

Na verdade, o que Dussel demonstra é que a linha pedagógica de Freire é a única, que através da conscientização, oportuniza o surgimento de um pensamento ético crítico, como eixo condutor do processo educativo.

A proposta deste estudo, então, é refletir sobre Paulo Freire como professor/criador de um método para a educação de jovens e adultos e como ser humano solidário ao outro, refletindo sobre sua postura ética, analisando a coerência da sua teoria com sua práxis; verificando, principalmente, sua preocupação com a vida dos mais massacrados pelo sistema, aqueles que sofrem injustiças, exclusões, discriminações, dominações – os oprimidos, utilizando suas palavras, aqueles que não têm, ou não tiveram, acesso à escola no momento devido.

## **2 – Reflexões a partir de Dussel:**

O conceito de ética para Dussel diz respeito à vida humana, não é uma ética pré-estabelecida ou moralista, assim como não considera apenas as vítimas, mas principalmente elas. É uma ética da vida e pela vida, tendo relação com o modo de convivência, questionando-o, em função da felicidade da maioria. Dussel vê cada cultura como um sistema de eticidade, um éthos cultural e cada indivíduo com seu éthos individual. Sua proposta baseia-se no conceito ético que faz questão de repetir a cada passo: *“Esta é uma ética da vida”*.

Partindo do pressuposto que, as éticas filosóficas são éticas das minorias (crítica que faz à filosofia alemã que é proposta a partir da Europa branca e não da comunidade dos excluídos), ele apresenta sua proposta sobre a ética pautada na vida humana, contrária à crueldade do sistema, a partir da realidade da comunidade das vítimas. A vida humana concreta de cada um, considerada em seus três princípios: produção da vida, direito à reprodução e desenvolvimento da vida do sujeito ético dentro do seu meio social, a partir de um movimento reflexivo anti-hegemônico, que leva a uma ética material cada vez mais crítica, pelo eterno repensar. Articulado-se o universal, a diversidade cultural e as singularidades individuais.

Denuncia como os pressupostos dessa ética vêm sendo negados e como *“nunca pode ser plenamente alcançada, já que compreende a totalidade das ações humanas na história mundial inteira”* (p.91). Não considera factível uma ética moralista, ou pré-estabelecida, que continua o processo de exclusão gerado por um sistema capitalista, na sua fase atual de globalização, que acolhe os poderosos em detrimento da felicidade dos dominados, excluídos,

analfabetos, pobres e, reforça que, ao ser negada sua própria condição de vida, é apagado o sistema de eticidade na sua totalidade.

Sua moral não tem origem divina (apesar de não descartar o Divino), é material, pois parte da própria negação de produção, reprodução e desenvolvimento da vida humana, a partir da própria comunidade em que vive, da sua cultura, sem negá-la, supondo-se alcançar a justiça, a felicidade. É um alerta à acomodação de uma proposta de vida traçada por um “deus divino”, que não permite uma vida melhor. Alerta para a esperança, que deve ser o motor impulsionador da vida das vítimas. A tomada da consciência crítica da sua condição de vida é o começo da caminhada para uma vida melhor; a partir dele, mas junto com o outro. Não é uma proposta assistencialista, como se tem verificado ultimamente no Brasil, é um desafio social, é um caminho de luta, de transformação na busca da justiça e da felicidade.

Sua ética traça um caminho diferenciado das outras propostas, que são construídas a partir da realidade das minorias. Partindo dos dominados, que considera como vítimas; pauta-se no reconhecimento desta condição individual, que ao tomar consciência é capaz de reconhecer o processo de vitimação no outro, tornando-se solidário, assumindo o outro, para ajudá-lo a deixar de ser, para o desenvolvimento da sua vida e criticando *“o sistema (ou aspecto do sistema) que causa a vitimação. O sujeito último de um tal princípio é, por sua vez, a própria comunidade das vítimas”*(p.380). Estabelece, pois, uma ética de vida humana, histórica, cultural, dentro de uma comunidade de interesses que se filiam.

Destaca, também, que urge a eliminação da não consciência ou da consciência ingênua, para que se tenha uma postura crítica, frente ao processo educativo. Sua preocupação não é a construção de uma pedagogia, mas a construção de um *éthos*<sup>1</sup> libertador, que vê no reconhecimento da opressão, no processo de reconhecimento do outro, o sujeito-ético; capaz de dar voz a todos, para que se modifiquem as relações de poder, partindo da comunidade onde se vive.

Neste aspecto, a escola precisa mudar sua função de construção da cidadania proposta pela teoria neoliberal, concretizada por uma pedagogia de opressão, para ser construtora, desse *éthos* libertador, através de uma práxis também libertadora, onde professores e professoras,

---

<sup>1</sup> *Éthos* considerado como o modo de ser pessoal, padrões de comportamento.

junto com os educandos, se sintam partícipes de um projeto capaz de transformar esta realidade, com alternativas que possibilitem melhorias para os próprios sistemas de suas vidas, de contínuas decisões, retornos, avaliações e novas reflexões. Freire é o primeiro a falar que *“é impossível a educação sem que o educando se eduque a si mesmo no próprio processo da sua libertação”* (Cf., Dussel, 2000:435). E por esta razão, mudam os caminhos anteriormente percorridos pela escola.

Anunciar a comunidade das vítimas, a negação da corporalidade, o sistema-mundo excludente não é suficiente. O que fazer frente a este panorama? Que caminho seguir? Como Dussel encontra a concretização de sua filosofia denunciante?

Paulo Freire nos aponta para respostas, para caminhos possíveis contidos na sua práxis pedagógica, que é a resolução prática do que Dussel chama de *“Ética da Libertação”*.

*Freire, diversamente de todos os autores citados, define precisamente as condições de possibilidade do surgimento do nível do exercício da razão ético-crítica (...) como condição de um processo educativo integral. Por isso, o educando não é só a criança, mas o adulto e, particularmente, o oprimido, culturalmente analfabeto, dado que a ação pedagógica se efetua no horizonte dialógico intersubjetivo comunitário mediante a transformação real das estruturas que oprimiram o educando. Este se educa no próprio processo social, graças ao fato de emergir como “sujeito histórico” (Dussel, 2000:435).*

Com a proposta pedagógica de Freire<sup>2</sup>, torna-se falsa a postura do educador que não se preocupa com a vida futura dos seus educandos. *“A desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança”* (Freire, 1996:81).

Sonho? Utopia? Esperança? Talvez a resposta possa ser dada pelo próprio Paulo Freire: *“É possível vida sem sonho, mas não existência humana e História sem sonho”*.

---

<sup>2</sup> Freire elabora sua teoria a partir da realidade do Nordeste brasileiro e da América Latina, para generalizar sua teoria e prática na África primeiro e, posteriormente, em outros países periféricos, e também centrais. Cf., Dussel, 2000:443.

*Paulo Freire não foi um filósofo que estudou a ética, foi sistematicamente vivendo-a, no seu dia-a-dia, deixando que seu corpo ficasse consciente, sentindo, pelo lado emocional, a vontade de escutar o outro, exercitando essa capacidade de ouvir, amarrando as idéias e seguindo suas orientações, para agir através de sua sensibilidade, vendo as coisas com excelência. Ele executava uma prática refletida, e seus escritos vão retratar esta prática (Cf., entrevista com Anita Freire).*

### **3 - FREIRE E DUSSEL: um encontro ético**

A análise ética na obra de Paulo Freire, neste estudo, é proposta a partir de Dussel, em sua “Ética da Libertação”, uma vez que, este autor reconstrói a história dos sistemas éticos mundiais, reinterpretando-os, desde os primórdios da civilização, *‘ho mais antigo dos mundos de vida’* (p.26), até os dias atuais, dentro do sistema-mundo, globalizado, que exclui, e até mata parte da população, colocando a humanidade dentro de um processo irracional de vitimação – um problema de exclusão de vida. *‘Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadeza neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia’* (Freire, 1997 -A:15).

Sua fundamentação é elaborada a partir da realidade de dependência econômica, política e cultural do povo latino-americano, criticando as ideologias que encobrem a situação de uma vida sub-humana, excluída do sistema sócio-econômico vigente, que faz, paradoxalmente evoluir a tecnologia, ao mesmo tempo em que cresce a pobreza, *‘globalização -exclusão quer indicar o duplo movimento no qual se encontra presa a Periferia mundial’* (p.17) . Dussel aponta Paulo Freire como o único, a colocar em prática, uma pedagogia nos moldes da “Ética da Libertação”.

Paulo Freire apresenta a ética como o fio condutor de sua postura profissional e de vida:

*A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por essa ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens, ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de lutar por ela é vive-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles (Freire, 1996:17).*

A ética de que fala é a que está comprometida com a vida humana, está relacionada aos direitos das pessoas, à sua dignidade, à convivência com os outros, com a esperança. A ética universal do ser humano, proposta por Freire, é inseparável da prática cotidiana dos sujeitos, é o caminho que se propõe a auxiliar o oprimido na sua conscientização para superar sua própria condição de vida, tornando o processo educativo, uma prática para a liberdade. Portanto, opõe-se a educação “bancária” que serve à dominação, e aplica a educação problematizadora que serve à libertação, na qual educador e educando se educam mutuamente. *“É que a ética ou qualidade ética da prática educa tiva libertadora vem das entranhas mesmas do fenômeno humano, da natureza humana constituindo-se na História, como vocação para ser mais”*(Freire:1997:91).

Demonstra que dentro de um sistema de dominação, que castiga os menos favorecidos e atende aos interesses das minorias, é necessária uma pedagogia que conscientize e liberte, tanto o opressor quanto o oprimido, oportunizando a este se enxergar como sujeito de sua história, buscando a melhoria das condições de vida e a garantia da sua reprodutividade.

O que move a vontade de mudar, de lutar, é o desabrochar da consciência ético-crítica. O educador não pode apenas alfabetizar e furtar ao educando as informações necessárias para que ele obtenha consciência da direção de sua vida e da sua miséria, sabendo as causas da sua produção. Muitas vezes, um iletrado se acha acomodado às estruturas que o oprimem, educar é promover a saída do mundo fechado, para outros mundos e, ao voltar, redescobrir o seu lugar; *“cabe a cada indivíduo e a cada geração perceber -se dentro do seu mundo já construído e reconstruí-lo e resignificá-lo. A educação é parte da construção coletiva do mundo”* (Casali, 1998:97). É um processo individual subjetivo, que deve provocar o educando, para que ele reconheça dentro de si, valores adormecidos, que, muitas vezes não são reconhecidos, nem por ele próprio. Os processos de provocação, de conscientização, de diálogo, contidos na Pedagogia de Freire, desacomodam, geram a dúvida, buscando levar o educando a elevar-se a uma situação mais elaborada, a uma realidade além e superior, a transcender pela educação.

A prática pedagógica proposta por Freire, se concretiza dentro, com e a partir do grupo, considerando as condições locais, culturais e reais, parte da vontade do alfabetizando de querer aprender a ler o mundo, causando uma reflexão sobre este mundo e gerando a esperança na transformação.

Paulo Freire parte da individualidade, a unidade primeira vital e humana, relacionando-a com os outros indivíduos, ajudando a construir significados locais e culturais, para atingir o valor universal.

#### **4 - Paulo Freire e a educação pela vida**

O que será que levou Paulo Freire a elaborar um trabalho pedagógico, inédito, voltado para as massas sofridas? Voltei às origens de sua vida, tentando conhecê-lo melhor, trazendo da sua infância um momento onde: amor, afeto, diálogo, troca, responsabilidade, estão aliados à alfabetização e à leitura, ali no quintal onde brincava, com gravetos na terra, à sombra da mangueira, aprendeu a ler com sua mãe. A intersubjetividade, o carinho, o diálogo, que nasciam ao lado da mãe; a leitura a partir do seu espaço, são marcas afetivas que podem o ter levado a perceber o momento de cumplicidade da alfabetização. Algo tão íntimo pode o ter levado a alcançar algo universal – a leitura. Da sua primeira escola também, ficaram boas recordações. Estas marcas vão influenciá-lo a elaborar seu trabalho, como ele mesmo confessou: *“Minha prática dialógica com meus pais me preparara para continuar a vivê-la com meus alunos”* (Freire, 1997:83).

Viveu também a pobreza e, através do estudo, da humildade, da coerência, da responsabilidade, da solidariedade de outros, que acreditaram nele e permitiram que o seu potencial emergisse, conseguindo superá-la.

Entre outras profissões escolheu ser professor e doou para a população carente, através da educação, o que a vida lhe havia oportunizado. Santo? Mito? Apenas um professor brasileiro, atento às necessidades vitais, competente e coerente com o seu tempo.

*A obra de Paulo Freire, assim como a obra de todo bom herói, é um desses fenômenos de forte apelo mítico. De tão bem que ele desencantou o mundo, encantou-se, e nos fez encantarmo-nos com ele. Sua obra e sua figura pessoal encontram-se, pois, intensamente cercadas de uma aura. Isso não é surpreendente. Isso veio sendo construído ao longo de sua vida profissional, e se acentuou à medida que envelhecia. O fundamento político dessa construção foi sua condição de patriota vitimado, que arriscou sua vida para realizar um projeto salvador: a libertação cultural e política de seus irmãos miseráveis, analfabetos, oprimidos. O que custou-lhe um exílio. Ao mesmo tempo, valeu-lhe o acesso ao mundo, e ao mundo, o acesso a ele (Casali, 1998:98).*

Sua trajetória de educador, de reconhecimento internacional, se deu após a divulgação da Pedagogia do Oprimido, uma obra pela qual explicita sua proposta de alfabetização, que precisou ser lida no Brasil às escondidas durante o governo pós 64. Aliás, *‘permanece um livro histórico, não apenas por seu vigor de época, mas também e sobretudo por seu vigor que ultrapassa fronteiras culturais locais, nacionais, regionais. Ele alcançou uma universalidade (...)’* (Casali, 2001:21).

No método de alfabetização que criou, a leitura é apenas uma parcela de aprendizagem, frente às novas perspectivas de vida, que vão sendo delineadas pela conscientização. Aqueles que são alfabetizados por este método passam a crer no poder de transformação, partindo da leitura do seu mundo para a leitura da palavra. A conscientização é fruto de um compromisso histórico, é ato de ação e reflexão, exigindo que os homens assumam o papel de sujeitos da história, que lutem pela sua existência, não se acomodando às condições em que se encontram; a conscientização convida o homem assumir uma posição frente ao mundo.

Sua proposta apresenta um enfoque político, relacionado à identidade cultural do alfabetizando no processo emancipatório de luta, na procura de diminuir o distanciamento cultural e social do analfabeto, vivente de um mundo letrado, na busca de seu espaço por uma vida melhor, que minimize a violência cultural da exclusão, da discriminação, da opressão.

O método foi usado por ele, primeiramente em Angicos e também em São Paulo, 30 anos depois, quando criou o MOVA<sup>3</sup>. Este método era desenvolvido nos círculos de cultura, onde a educação tinha um significado individual e uma significação cultural, expressa nas palavras geradoras, ao mesmo tempo em que havia uma validade universal nesse processo, uma vez que o analfabeto faz parte da humanidade, estando submetido a direitos e deveres universais.

Segundo Paulo Freire, a educação deve procurar desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem aprende a escolher e a decidir, libertando-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como ainda faz com muita frequência a educação em vigor em um grande número de países do mundo. O homem ao mudar a sua

---

<sup>3</sup> MOVA – Movimento de alfabetização de São Paulo, iniciado em 1990 (Freire, 2000, p. 69).

realidade, também vai se transformando, na medida em que ele se integra ao seu contexto e se compromete, vai construindo a si mesmo. O homem, porque é homem, é capaz de reconhecer que não vive em um eterno presente, e sim em um tempo, feito de hoje, ontem e de amanhã; esta tomada de consciência de sua temporalidade (que lhe vem de sua capacidade de discernir) permite-lhe tomar consciência de sua historicidade.

A prática da liberdade é outro foco importante de sua pedagogia, que só se torna eficaz a partir da participação livre e crítica dos educandos. Seu método é o da dialogicidade, que permite a prática da liberdade aos não livres, *“proponho e defendo uma pedagogia crítico-dialógica, uma pedagogia da pergunta”* (Freire, 2000:83). A alfabetização é ligada à democratização da cultura, alfabetização como ato de criação e re-criação; capaz de colaborar com a organização reflexiva do pensamento, combatendo a inexperiência democrática.

A proposta de alfabetização deve partir sempre do vocabulário do grupo a ser alfabetizado, e deve estar interligada à tomada de consciência da sua situação real de vida. O ponto de partida da alfabetização é a bagagem cultural do alfabetizando, conhecida através de uma relação dialógica, sempre refutando as fórmulas prontas ou pré-determinadas. O educador precisa aprender primeiro o mundo do educando, enquanto que o educando deve partir da tomada de consciência da sua condição social de analfabeto, oprimido, pobre e deve aprender a falar sobre seus problemas, suas misérias, seus sonhos.

Ao partir da realidade de vida do alfabetizando, da tomada de consciência crítica das estruturas que o oprimem, a pedagogia toma um aspecto ético-crítico. A reflexão prática sobre a própria comunidade permite que o alfabetizando adquira uma nova visão de mundo que evolui da consciência mágica ou ingênua para a consciência crítica.

A compreensão antropológica da cultura é fundamental, faz com que o alfabetizando se reconheça como um sujeito ético digno, como sujeito do seu processo de libertação, compreendendo-se como fazedor de cultura, transformador, um indivíduo participante dentro de um processo social, cultural, político e econômico. O alfabetizando se educa dentro do seu próprio processo histórico, comunitário e real, adquirindo condições de transformar seu modo de viver e contribuir para a sua inserção no mundo, distinguindo o mundo da natureza e do mundo da cultura.

Antes de Freire educação e política pareciam antagônicas, seu pensamento

mostrou o inverso, sua pedagogia de cunho progressista veio romper com esta visão de uma escola neutra, que impede o exercício da democracia e da cidadania.

## **5 - Paulo Freire: o político ético**

Paulo Freire teve a oportunidade ímpar de colocar suas idéias em prática, ao ser Secretário de Educação do Município de São Paulo, demonstrando a coerência da relação teoria-prática de sua proposta. Estar à frente de uma secretaria municipal, do porte de São Paulo, demonstrando que a escola pública democrática de qualidade é possível, assim como é possível uma outra forma de administrar, participativa, através da gestão colegiada, foi um grande legado de um educador verdadeiramente ético.

Ele implementou uma política, na rede municipal da Cidade de São Paulo, de formação permanente dos professores, de orientação curricular, de discussão, de análise da própria política que ia sendo implantada e de como governar a educação da cidade, sendo esse novo rumo construído e gestado pelos próprios atores do processo, nos diferentes níveis, nas diferentes instâncias. Demonstrando, as diferenças introduzidas pela sua práxis político-pedagógica, provando como é possível romper paradigmas e ultrapassar muralhas construídas pela burocracia, pelo tradicionalismo e pela falta de vontade política em investir na educação.

Sugeri, como a legislação educacional atual, a criação de Projetos Políticos Pedagógicos, sem modelos pré-estabelecidos, surgindo dentro de cada comunidade escolar, de acordo com as necessidades reais do grupo, por seus membros, entendendo-a não isoladamente, mas inserida em um contexto social, onde se desenvolvia a tensão escola-comunidade. Partia-se dos problemas, das tensões, das dificuldades, de algo que possuía um sentido, um significado concreto para aquela comunidade.

A postura do professor, dentro desta linha pedagógica, mudou, pois passou a ter um outro olhar em relação à bagagem cultural do aluno, à organização da sua prática educativa, à organização curricular, à educação.

Paulo Freire conseguiu atrair os educadores, para uma nova visão mais comprometida com a sociedade e com o educando. O trabalho deixou de ser solitário para ter um cunho coletivo, demonstrando a necessidade de um movimento constante de repensar a prática exercida.

Discorrer sobre Freire não é apenas falar de um educador competente, coerente, ético, de grandes contribuições na área educacional. É constatar, também, as transformações ocorridas na linha pedagógico-administrativa, causadas pela sua visão de mundo que não permite que a escola puna os que já sofrem pelas suas condições precárias de vida.

### **Considerações finais**

Estudar Freire nos leva a construir um novo olhar sobre a educação. Aprende-se a questionar a atitude de educador, muitas vezes insatisfeito, curioso, preocupado com a grande parte de alunos que vão à escola, mas que não conseguem aprender ou não se sentem motivados a fazê-lo. Com ele, percebe-se a importância do amor nas relações pedagógicas, capaz de transformar a vida; a importância da troca, do coletivo, da parceria em educação, o compartilhar com o outro; a intersubjetividade, o diálogo; a humildade, o respeito ao indivíduo, às suas diferenças e à cultura de cada um.

Em Freire, ética e estética caminham juntas, porque ética é vida, e o movimento da vida deve ser belo. Afinal, ser ético é lutar por uma vida melhor, com relações sociais mais leais com o outro e aos princípios de construção do viver. Um educador não pode fingir que não vê a miséria ao seu lado, precisa eliminar seus preconceitos, precisa aceitar o diferente, não querendo que ele se torne um igual, precisa conscientizar para educar. *‘Decência e boniteza de mãos dadas’* (Freire, 1997:36). A beleza precisa estar na manutenção, na reprodução e no desenvolvimento dessa vida, considerada dentro de um esquema integrado com outras várias vidas. Essa é a beleza, a estética da ética. Paulo Freire fala da beleza da luta política, do aprender, do compromisso pedagógico, do processo ensino-aprendizagem.

Paulo Freire deixa uma importante mensagem aos professores que desejam plantar a semente de uma proposta pedagógica ética: *‘A prática de pensar a prática é a única forma de pensar certo’*<sup>4</sup>.

Questionei: utopia, ingenuidade, credibilidade demais na educação? Voltou-me a imagem de Paulo Freire: utópico, acreditando no poder da educação e por isso grande. Seu

---

<sup>4</sup> Frase repetida pelo Prof. Mario Sérgio Cortela, que sucedeu Paulo Freire como Secretário de Educação de São Paulo, em entrevista para Cátedra Paulo Freire da PUC/SP em abril de 2001.

maior legado: a esperança!

A escola ainda não soube se contemporaneizar e necessita de uma nova visão de mundo, uma nova maneira de pensar e agir, se deseja dar a mão, principalmente, aos jovens e adultos que na época adequada não encontraram nela seu espaço, e agora retornam a ela, com esperança, de ao serem alfabetizados, terem um futuro melhor.

Temos um exemplo a seguir: Paulo Freire!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS:

CASALI, Alípio. *Paulo Freire: O educador na história*. Revista Educação, Sociedade e Culturas, nº 10, 1998, 95-109.

\_\_\_\_\_. *Saberes e Procederes Escolares: O singular, o parcial, o universal*. São Paulo, PUC, 2000. In Mimeo.

\_\_\_\_\_. In, FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo, editora UNESP, 2001, p.17-21.

DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes. 2000.

FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria*. 3.ed. SÃO Paulo, Edições Loyola, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Política e Educação*. 3.ed. São Paulo, Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. *Educação Como prática da Liberdade*. 23.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Educação na Cidade*. 4.ed. São Paulo, Cortez, 2000.